

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS

LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DAS ANGIOSPERMAS NA ESTAÇÃO
ECOLÓGICA ESTADUAL WENCESLAU GUIMARÃES, BAHIA, BRASIL

DOUGLAS MACHADO MOREIRA

CRUZ DAS ALMAS
BAHIA – BRASIL
2016

DOUGLAS MACHADO MOREIRA

LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DAS ANGIOSPERMAS NA ESTAÇÃO
ECOLÓGICA ESTADUAL WENCESLAU GUIMARÃES, BAHIA, BRASIL

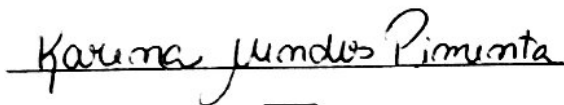
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia, como requisito parcial para obtenção
do grau de Bacharel em Engenharia Florestal.

CRUZ DAS ALMAS
BAHIA – BRASIL
2016

DOUGLAS MACHADO MOREIRA

LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DAS
ANGIOSPERMAS NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA
ESTADUAL WENCESLAU GUIMARÃES, BAHIA,
BRASIL

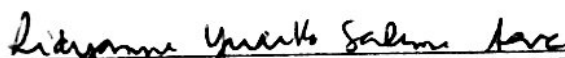
APROVADO: 13/07/2016



Karena Mendes Pimenta – MS.
UEFS



Grênivel Mota da Costa – DS.
UFRB



Lidyanne Yuriiko Saleme Aona – DS.
Orientador
UFRB

*Dedico este trabalho a minha amada Mãe, por seu amor incondicional e
dedicação aos seus filhos e netos.*

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq e a FAPESB, pelo financiamento do projeto Biodiversidade Florística do Sudeste da Bahia.

A Empresa Mineradora Rio Tinto, pelo apoio logístico durante as excursões a Campo.

A Orientadora Dr^a Lidyanne Aona, pela oportunidade de compartilhar e vivenciar de seus conhecimentos diariamente.

Ao Dr^o Grênivel Costa, pela amizade e contribuições nesse trabalho, sobretudo, pelo exemplo de excelente profissional.

Ao Dr^o Jomar Jardim, pelos conhecimentos compartilhados e pelas identificações e confirmações das espécies.

Aos especialistas que identificaram ou com confirmaram as espécies: Adriana Lobão (Annonaceae), André Scatigna (Plantaginaceae), Marcos Nadruz (Araceae), Maria Alves (Asteraceae), Bernardia Gregório (Begoniaceae), Matheus Nogueira (Bromeliaceae), Eric Smidt (Orchidaceae), José Eduardo Lahoz (Cecropiaceae), Juliana Freitas (Cyclanthaceae), Lucas Marinho (Clusiaceae), Greta Aline Dettke (Loranthaceae), Willian Fonseca (*Psychotria*, Rubiaceae) e Daniela Zappi (Rubiaceae).

A minha Mãe, Izolete, que sempre esteve ao meu lado com suas orações e amor incondicional, sem ela não estaria aqui e essa vida de nada valeria.

A meu irmão Gustavo, pelo apoio e carinho nos momentos que mais precisei durante as caminhadas da vida.

A minha Família, em especial aos meus Sobrinhos Kaylane, Kauã e Enzo, a minha prima Kassandra, com vocês cada retorno pra casa a felicidade é garantida, a José Barcelos por todo apoio prestado durante esses anos.

Aos melhores e piores amigos que eu poderia conhecer nessa vida, Beatriz, Caique, Camila, Isis, Frederico, Jonatas, Juliana, Keku, Nayara e Rafael sem vocês esse caminho não teria a menor graça, que nossa amizade dure até o fim de nossas vidas.

Aos colegas do Herbário do Recôncavo da Bahia, William, Silvana e Nelma, pelo conhecimento e carinho compartilhados diariamente.

A todas as pessoas que de alguma forma participaram ou me ajudaram nessa jornada, amigos, colegas, professores, com certeza levarei cada um de vocês no coração.

A Deus, pelo dom da vida e por me permitir realizar sonhos e ainda conhecer e conviver com pessoas incríveis nesses últimos anos.

Obrigado!

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Representatividade das famílias mais importantes em Floresta Ombrófila na Estação Ecológica Estadual Wenceslau Guimarães

Figura 02: Porcentagem de hábitos encontrados entre as espécies em Floresta Ombrófila Densa na Estação Ecológica Estadual Wenceslau Guimarães

Figura 03: Localização da Estação Ecológica Estadual Wenceslau Guimarães

Resumo

A Floresta Atlântica Brasileira, apesar de ser o domínio fitogeográfico brasileiro melhor estudado no tocante à flora, ainda apresentam muitas áreas que carecem de informações ecológicas ou até mesmo de inventários florísticos. Dessa forma, este trabalho objetivou caracterizar a flora de angiospermas da floresta ombrófila da Estação Ecológica Estadual Wenceslau Guimarães (EEEWG), localizada no sudeste do estado da Bahia. Foram realizadas cinco expedições à EEEWG entre os anos de 2011 e 2013, todo o material fértil foi coletado, identificado e depositado no Herbário do Recôncavo da Bahia (HURB). Foram coletadas 471 espécies, distribuídas em 241 gêneros e 84 famílias. As famílias mais representativas em número de espécies foram Rubiaceae (52 espécies), seguida por Melastomataceae (36 espécies), Fabaceae (33 espécies), Myrtaceae (31 espécies), Asteraceae (29 espécies), Orchidaceae (26 espécies) e Bromeliaceae (21 espécies). Os gêneros predominantes foram *Psychotria*, *Miconia*, *Myrcia*, *Solanum*, *Eugenia*, *Piper* e *Begonia*. Além da lista florística, informações relevantes sobre endemismo, conservação e tipo de hábito das espécies. O endemismo de espécies para a EEEWG foi de aproximadamente 40%, com ocorrência de novas espécies para a Bahia e Floresta Atlântica. Além disso, o levantamento revelou a ocorrência de cinco espécies novas e 16 novos registros para o estado da Bahia. Cerca de 3% das espécies encontram-se na lista de espécies ameaçadas do Brasil. Os hábitos encontrados predominantes foram o arbóreo (30,7% das espécies) e o arbustivo (19,5% das espécies). Os dados aqui apresentados comprovam que apesar dos esforços de coleta na Floresta Atlântica ser superior do que em outros biomas, os dados florísticos são pouco amostradas. Esses dados ressaltam a importância de levantamentos florístico em áreas remanescentes de Floresta Atlântica no estado da Bahia, assim como a importância que as áreas protegidas têm para a manutenção da biodiversidade desses remanescentes florestais.

Palavras-chave: Angiospermas, Checklist, Conservação.

ÍNDICE

Lista de Figuras	7
Resumo	8
Abstract	9
1. Introdução.....	10
2. Objetivos.....	13
3. Material e Métodos	13
Área de estudo.....	13
Coleta e identificação botânica	14
Processamento dos Dados	15
3. Resultados.....	16
4. Discussão	35
6. Conclusão.....	41
7. Referências Bibliográficas.....	42

1. Introdução

A Floresta Atlântica é um conjunto de formação florestal com ca. de 700 milhões de anos, sendo a mais antiga formação florestal do Brasil (Leitão Filho, 1987), esse bioma vem sendo intensamente explorado a mais de 500 anos (Morellato & Haddad, 2000).

A história da degradação da Floresta Atlântica brasileira, que é assim denominada pela proximidade do oceano e a influência que esse tem sobre ela, se mistura com a história de ocupação/colonização do Brasil através da faixa litorânea, que se desenvolveu em função da exploração dos recursos naturais e produção agrícola que junto com a expansão urbana e desenvolvimento de cidades culminaram na devastação dessa exuberante floresta (Franke *et al.*, 2005). Hoje cerca de 70% da população brasileira vive sobre a área original da Floresta Atlântica, além das maiores cidades e os mais importantes polos industriais do Brasil (MMA, 2010).

A área original ocupada pela Floresta Atlântica antes do início do processo de devastação, se estendia da região do estado do Rio Grande do Sul até o Piauí passando pelos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará, abrangendo uma área equivalente a 1.315.460 km². (SOS Mata Atlântica, 2016). Atualmente, apenas 12,5% dessa área está preservado, sendo que ~~a maior~~ a maior parte desta encontra se em pequenos e ameaçados fragmentos (MMA, 2010). Restando apenas 8,5% dos remanescentes com áreas maiores que 100 hectares (SOS Mata Atlântica,

2016).

A Floresta Atlântica é a segunda maior área de floresta tropical úmida da América do Sul, perdendo somente para o Domínio Amazônico (Tabarelli *et al.*, 2005), Possui por toda sua extensão uma alta variação florística e fitofisionômica (Oliveira-Filho & Fontes, 2000), formando um conjunto de ecossistemas florestais altamente diversificado (Lino, 1992) Isto ocorre devido às variações climáticas e edáficas que ocorrem ao longo de sua área de distribuição (Leitão Filho, 1987). Mesmo com o processo de degradação avançado, o bioma ainda abriga grande parte da biodiversidade brasileira, possui uma das áreas mais ricas em biodiversidade e altos índices de endemismo e é um *Hotsposts* (Mittermeyr, 1997; Myers *et al.*, 2000).

No Nordeste do Brasil, os remanescentes da Floresta Atlântica encontram-se em um estado altamente fragmentado (Rocha & Amorim, 2012). Estima-se que nos estados da Bahia e Paraíba possuem maior área de Floresta Atlântica e em maior fragmentação que nos estados do sul e sudeste (Almeida, 2000).

Grande parte da diversidade florística da Floresta Atlântica está concentrada no estado da Bahia (Mori *et al.*, 1983; Thomas *et al.*, 2004; Sobrinho, J.G.C. & Queiroz, L.P, 2005) Mesmo assim a Bahia está entre os estados que mais desmatam a Floresta Atlântica (SOS Mata Atlântica, 2016), e estima-se que apenas 0,4% das florestas costeiras baiana permaneça intacta, com 3,1% dos fragmentos restantes são menores que 400 ha (Thomas, 1998). Algumas causas são relatadas para o desmatamento na Bahia sendo

as principais a exploração madeireira, criação de pastagens e plantação de cacau (Amorim *et al.*, 2005).

Ocasionados principalmente por ações antrópicas, muitos impactos ambientais vem causando a perda de biodiversidade, o que vem levando muitas espécies à extinção (Mittermeier, 2005) Sendo as unidades de conservação de proteção integral a principal estratégia para evitar a perda dos habitats naturais remanescentes (Galindo-Leal e Câmara, 2005)

Alguns levantamentos florísticos vêm confirmando altos índices de endemismo e diversidade para o sudeste da Bahia, evidenciando que as famílias mais importantes para região são: Fabaceae, Myrtaceae, Rubiaceae, Melastomataceae e Bromeliaceae e os hábitos predominantes (arbóreo e arbustivo) nos mais diferentes domínios da Floresta Atlântica na Bahia (Amorim *et al.*, 2005; Coelho & Amorim, 2005; Thomas *et al.*, 1998; Thomas *et al.*, 2009; Sobrinho & Queiroz, 2005).

As listas de espécies são propostas por diversos acordos internacionais que visam conhecer a biodiversidade de um local. (Canhos *et al.* 2004) e corroboram informações importantes sobre Biodiversidade que podem ser utilizadas para uma ampla gama de usos científicos, educacionais e governamentais, sendo essencial para responder questões essenciais a conservação da diversidade biológica da Mata Atlântica (Werneck, 2011).

Nesse contexto, propõe-se realizar um levantamento para se conhecer a diversidade de espécies ocorrentes na Estação Estadual Wenceslau Guimarães (EEEWG), localizada no estado da Bahia.

2. Objetivos

O objetivo do presente estudo foi realizar um checklist das espécies de angiospermas ocorrentes na Estação Ecológica Estadual Wenceslau Guimarães (EEEWG). Para isso, espera-se conhecer a lacuna existente na área de estudo e contribuir com registros botânicos que irão somar informações sobre riqueza, hábitos e distribuição das espécies na forma de uma lista das angiospermas da EEEWG.

3. Material e Métodos

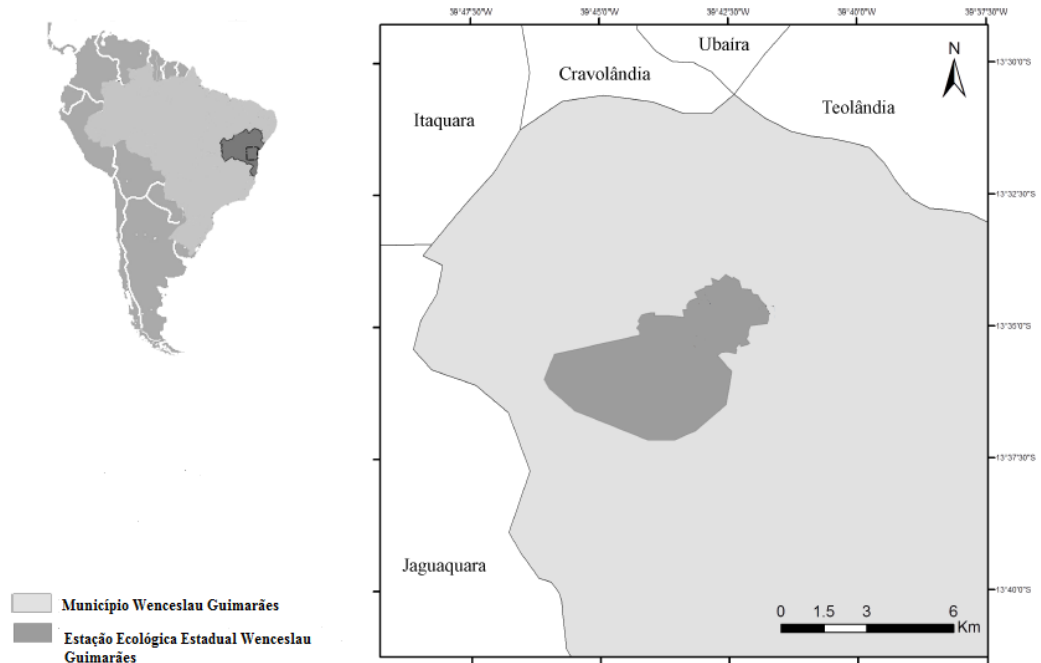
Área de estudo

O estudo foi na Estação Ecológica Wenceslau Guimarães (EEEWG), situada no município de Wenceslau Guimarães, sudeste da Bahia (Fig. 3). Até a década de 1990, áreas da reserva eram utilizadas para agricultura, hoje essas áreas encontram-se desocupadas (Bahia, 2010), porém não há uma listagem de espécies vegetais.

A EEEWG é uma unidade de conservação de proteção integral (SNUC Lei N° 9.985/2000 e Decreto N° 4.340/2002), criada com uma área inicial de 1.939,1420 ha conforme o Decreto de nº 6.228 de 21 de fevereiro de 1997, justificou sua criação com base no elevado número de espécies endêmicas e ameaçadas de extinção, assim como sua importância para a proteção dos mananciais hídricos da bacia do Rio das Almas, e por ser uma área integrante da zona núcleo da reserva da Biosfera da Mata Atlântica (Brasil, 2010). Pouco tempo após a sua criação, no ano de 2000, o Decreto N° 7.791 de 19 de abril,

amplia sua área em 478,055 ha.

Figura 3: Localização da Estação Ecológica Estadual Wenceslau Guimarães.



Fonte: Goldenberg, 2016 (Adaptado)

A geomorfologia é marcada por vales, quase sempre profundos e retilíneos que variam de largura entre 200 a 500 e declividade predominante variam entre 15° a 50° e altitude que variam entre 550 a 1000 metros. O clima da região é caracterizado como úmido à subúmido. A temperatura média anual varia entre 22° e 25,5°C e os totais pluviométricos encontram-se na faixa entre 800 a 1.500 mm anuais (Bahia 2010) e solo tipicamente Latossolo Vermelho-amarelo álico (Embrapa, 1973).

Coleta e identificação botânica

O levantamento foi realizado através de caminhadas em trilhas por toda a área da EEEWG. As expedições botânicas tiveram duração variável de um a

quatro dias no período de 2011 a 2013, totalizando 5 excursões. Os materiais férteis foram fotografados ainda em campo, anotados dados a cerca do hábito, coloração das flores ou frutos, presença de exsudações e aroma das flores. As amostras coletadas foram depositadas prioritariamente no Herbário do Recôncavo da Bahia (HURB), seguindo as técnicas usuais de herborização (Mori et al., 1989), duplicatas foram enviadas para outros herbários como K, JBRJ, CEPEC e HUEFS entre outros (Siglas de acordo com Thiers, 2016) .

As identificações dos espécimes foram feitas a partir de comparação com exsicatas previamente identificadas no HURB, consulta a especialistas e auxílio de bibliografia especializada. A classificação adotada está de acordo com APG IV(2016). Foram estudadas ca. de 2.000 exsicatas previamente coletadas pela equipe do projeto “Diversidade florística dos remanescentes florestais do Bahia”.

Processamento dos Dados

A lista florística final foi gerada a partir de dados de exsicatas depositados no Herbário do Recôncavo da Bahia (HURB). Algumas coletas da mesma área foram acessadas através do banco de dados do Centro de Referências de Informações Ambientais – CRIA (SpeciesLink, 2016). Os dados disponíveis foram verificados através dessa plataforma e foram inseridos na lista de espécies os dados somente quando não se tivesse dúvida sobre sua identificação ou se já havia sido coletada.

Nesse estudo algumas considerações foram feitas a cerca dos hábitos, pois, os mesmos foram descritos por diversos coletores e de acordo como as plantas se encontravam em campo no momento da coleta, o que gerou uma gama de nomes para um mesmo hábito. Foram tratadas como um mesmo hábito as plantas que se encaixavam nos seguintes atributos: árvore (espécies lenhosas com fuste), arbusto (aquelas espécies lenhosas com ramificação desde a base e com mais de 0,5 m), erva (espécies com caules pouco lignificados, não ultrapassando 0,5 m de altura) e trepadeira (espécies que utilizam arbustos e árvores para ascender verticalmente, com caule lenhoso ou não). Esta metodologia seguiu Costa (2014). Plantas escandentes e lianas foram tratadas como trepadeira e as hemiepífitas foram inseridas em epífitas apenas nos gráficos.

3. RESULTADOS

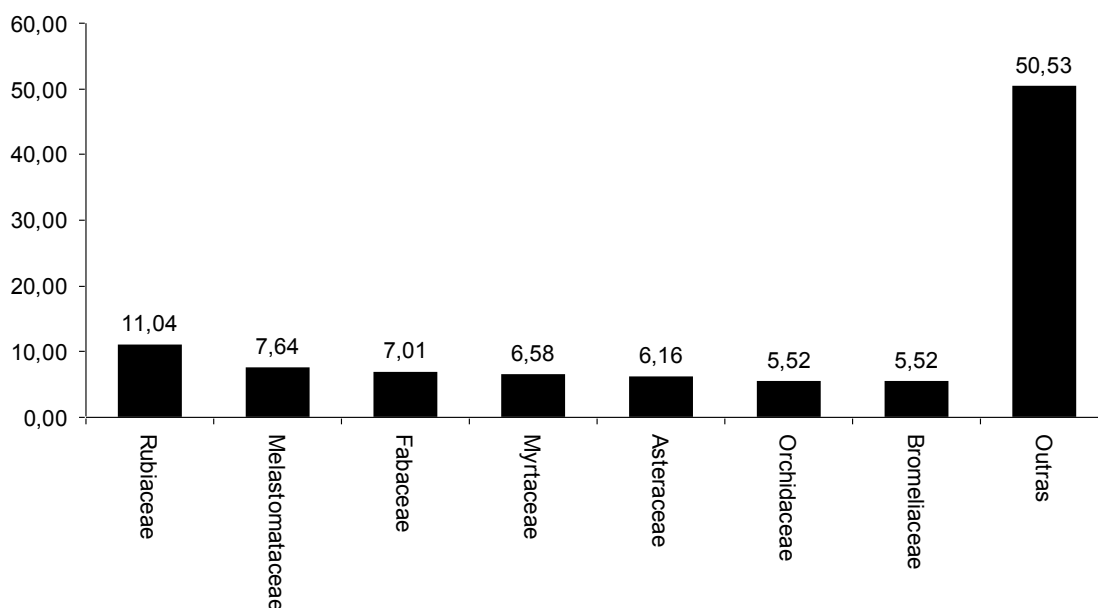
Foram registradas na área de estudo 471 espécies distribuídas em 84 famílias. Destas, um total de 36 espécies depositadas no CEPEC foram agregadas a lista, provenientes de dados acessados através do banco de dados do Centro de Referências de Informações Ambientais – CRIA (SpeciesLink).

Do Total de espécies 301 foram identificadas até a espécie (64%), 136 até gênero (29%) e até família 34 (7%). As famílias com maior riqueza de espécie (Fig. 1) foram Rubiaceae com 52 espécies (11%), Melastomataceae 36 espécies (8%), Fabaceae 33 espécies (7%), Myrtaceae 31 espécies (6,3%), Asteraceae 29 espécies (6,3%),

Orchidaceae 26 espécies (5%), Bromeliaceae 21 espécies (4%). Essas famílias representaram 48% das espécies relatadas. Sendo que em 24 famílias ocorreram apenas uma espécie, que representa (28,9%) das Famílias.

As famílias com maior riqueza de gênero foram Rubiaceae e Melastomataceae, com 23 e 13 gêneros cada, respectivamente. 50% das famílias apresentaram apenas um gênero. O gênero com maior riqueza de espécie foram *Psycotria* (Rubiaceae) e *Miconia* (Melastomataceae) com 15 espécies cada.;

Figura 1; Representatividade das famílias mais importantes em Floresta Ombrófila na Estação Ecológica Estadual Wenceslau Guimarães

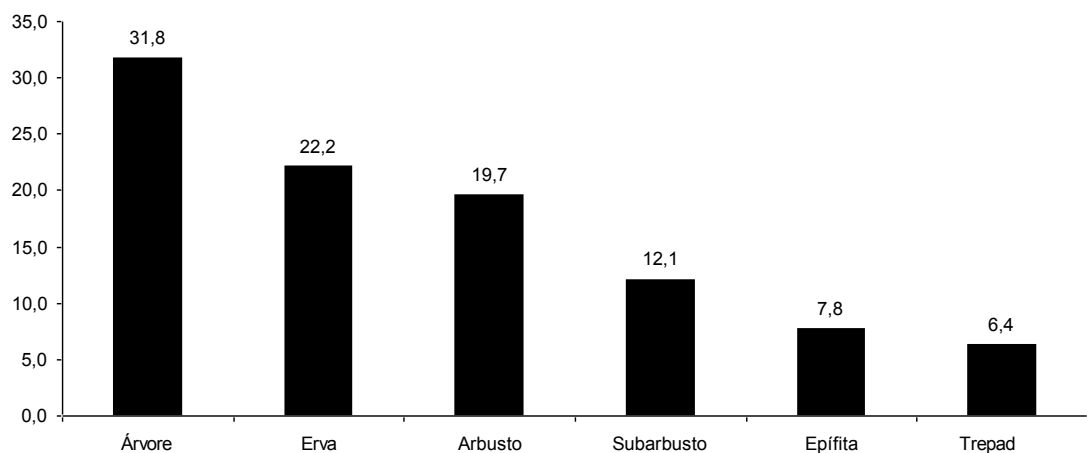


Conforme a (Fig. 2) o hábito predominante foi o Arbóreo representado por 146 espécies (30,7%) e o arbustivo com 96 espécies (19,5%) que totalizaram pouco mais de 50% dos hábitos.

No componente arbóreo (Fig. 2) se destacaram as famílias Myrtaceae com 24 espécies, Fabaceae com 16 espécies, Rubiaceae com

15 espécies, Melastomataceae com 12 espécies e Euphorbiaceae com 7 espécies. No componente arbustivo destacaram-se as famílias Rubiaceae com 20 espécies, Melastomataceae 10 espécies, Fabaceae, Myrtaceae e Piperaceae com 7 espécies cada. No componente Sub-arbusto destacaram-se as famílias Asteraceae com 13 espécies, Melastomataceae com 7 espécies, Fabaceae e Rubiaceae com 6 espécies cada. As famílias mais representativas para o hábito herbáceo foram Bromeliaceae com 13 espécies, Poaceae com 12 espécies, Rubiaceae com 9 espécies e Cyperaceae e Orchidaceae com 8 espécies cada. Para o hábito Epifítico destacaram-se Orchidaceae (13 espécies), Araceae (9 espécies) e Bromeliaceae (7 espécies).

Figura 2: Porcentagem de hábitos encontrados entre as espécies em Floresta Ombrófila Densa na Estação Ecológica Estadual Wenceslau Guimarães



Segundo a Lista da Flora do Brasil (Forzza, 2016) 103 espécies listadas nesse estudo para a EEEWG são endêmicas da Floresta Atlântica (36% das espécies identificadas). Dentre elas 35 são endêmicas exclusivamente da Bahia. As espécies não endêmicas somam um total de 104 espécies (40% das espécies identificadas), sendo que deste total 20 são de ocorrência apenas de

Florestas Pluviais (Floresta Atlântica e Floresta Amazônica) como *Schefflera varisiana* Frodin (Araliaceae), *Racinaea spiculosa* (Griseb.) M.A.Spencer & L.B.Sm (Bromeliaceae) e *Tovomita brevistaminea* Engl. (Clusiaceae).

Novos registros de espécies somam 10 espécies para Mata Atlântica e outros 16 novos registros foram registrados pela primeira vez para o estado da Bahia (Tabela 1). Destaca-se *Stemodiaveronicoides* J.A.Schmidt (Plantaginaceae). Esta coleta foi o primeiro registro para o estado da Bahia desde a coleta do material (A.V. Scatigna, comm. pess).

Nesse estudo, foi encontrada uma espécie exótica na EEEWG, esta foi incluída na lista, sendo devidamente diferenciada das demais nesse trabalho conforme listado na Tabela1.

De acordo com a lista de espécies ameaçadas do Brasil do Centro Nacional de Conservação da Flora (CNCFlora, 2016), foram listadas na área de estudo nove espécies ameaçadas, totalizando 3% das espécies identificadas. Entre as espécies ameaçadas, estão *Mandevilla sellowii* (Müll.Arg.) Woodson, *Anthurium ianthinopodum* (Schott ex Engl.) Nadruz & Mayo e *Begonia smilacina* A.DC.

A partir de coletas provenientes desse estudo, foram descritas cinco novas espécies como *Huberia sessilifolia* R. Goldenberg. & Michelangeli, *Meriania inflata* Michelangeli & R. Goldenberg e *Physeterostemon aonae* Michelangeli & R. Goldenberg. (Melastomataceae) descritas por Gondemberg *et al.* (2016) e *Eugenia calounora* Sobral & Rigueira e *Myrcia ramiflora* Sobral, Rigueira & E. Lucas (Myrtaceae) descritas por Sobral *et al.* (2015).

Tabela 1 - Lista de Espécies Ocorrentes na Estação Ecológica Estadual Wenceslau Guimarães, Bahia, Brasil. Siglas para as iniciais dos hábitos e observações: arb = arbusto; arv = árvore; epi = epífita; erv = erva; sb = subarbusto; par = parasita; trep = trepadeira; EN = Endêmica da Floresta Atlântica; ENB= Endêmica da Bahia; NRB= Novo registo pra Bahia; NRM= Novo Registro pra Floresta Atlântica; ▼ = Red List; ■ = exótica; ▲ = Compartilhada entre Florestas Pluviais; *** = Espécies descritas.

FAMILIA	ESPÉCIE	HÁBITO	VOUCHER	ENDEMISMO
Acanthaceae	<i>Aphelandra</i> sp.	sb	LYSA. 2696	
	<i>Herpetacanthus</i> sp.	erv	RG. 2081	
	<i>Hypoestes phyllostachya</i> Baker. ■	sb	LYSA. 2805	
	<i>Ruellia</i> sp.	arb	LYSA. 2368	
	<i>Ruellia</i> sp. 2	erv	RG. 2057	
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	sb	LYSA. 2801	EN
Annonaceae	<i>Anaxagorea dolichocarpa</i> Sprague & Sandwith	árv	LYSA. 2383	NE
	<i>Annona acutiflora</i> Mart.	arb	LYSA. 2394	EN
	<i>Duguetia</i> sp.	árv	LYSA. 3429	
	<i>Guatteria</i> sp. 1	árv	LYSA. 3385	
	<i>Guatteria</i> sp. 2	árv	DR RT6	
	<i>Guatteria villosissima</i> A.St.-Hil	árv	DR RT42	EN NRB
	<i>Hornschurchia bryotrophe</i> Nees	árv	LYSA. 2389	EN
Apocynaceae	<i>Allamanda cathartica</i> L.	arb	LYSA. 2324	NE
	<i>Allamanda</i> sp.	trep	LYSA. 2664	
	<i>Aspidosperma</i> sp.	árv	WM. 5097	
	<i>Couma rigida</i> Müll.Arg.	árv	WWT. 9338	NE NRM
	<i>Ditassa nitida</i> Decne.	trep	DCZ. 3433	
	<i>Mandevilla permixta</i> Woodson	trep	LYSA. 2333	ENB
	<i>Mandevilla scabra</i> (Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) K.Schum.	trep	LYSA. 2346	NE
	<i>Mandevilla sellowii</i> (Müll.Arg.) Woodson ▼	trep	WWT. 9310	EN
	<i>Rauvolfia bahiensis</i> A.DC.	árv	LYSA. 2683	ENB
	<i>Rauvolfia</i> sp.	árv	WM. 3459	
	<i>Tabernaemontana flavicans</i> Willd. ex Roem. & Schult.	arb	WM. 5089	NE
<i>Tabernaemontana</i> sp.	árv	LYSA. 3453		
Aquifoliaceae	<i>Ilex</i> sp.	arb	DCZ. 3438	
Araceae	<i>Anthurium belangeri</i> Engl.	erv	AH. 212	

	<i>Anthurium bellum</i> Schott	erv	AH,7559	EN
	<i>Anthurium gladiifolium</i> Schott.	epí	AH. 209	EN
	<i>Anthurium ianthinopodum</i> (Schott ex Engl.) Nadruz & Mayo. ▼	epí	WM. 5063	NE
	<i>Anthurium jilekii</i> Schott	erv	AH. 206	NE
	<i>Anthurium pentaphyllum</i> (Aubl.) G. Don.	epí	AH. 205	NE
	<i>Anthurium solitarium</i> Schott.	epí	AH. 208	NE
	<i>Monstera adansonii</i> Schott	hem	DR rt436	NE
	<i>Philodendron fragrantissimum</i> (Hook.) G.Don▲	epí	WWT. 9276	
	<i>Philodendron hederaceum</i> (Jacq.) Schott ▲	trep	AH. 204	
	<i>Philodendron insigne</i> Schott ▲	erv	DCZ. 3423	
	<i>Philodendron pedatum</i> (Hook.) Kunth	epí	LAMS. 4494	NE
	<i>Philodendron propinquum</i> Schott	erv	AH. 207	EN
	<i>Philodendron rudgeanum</i> Schott ▲	epí	LAMS. 4420	
	<i>Rhodospatha latifolia</i> Poepp.	erv	AH. 210	NE
	<i>Rhodospatha oblongata</i> Poepp.	erv	AH. 211	NE
	<i>Stenospermation spruceanum</i> Schott	epí	DR 130	NE
Araliaceae	<i>Schefflera varisiana</i> Frodin ▲	arv	DCZ 3928	
	<i>Oreopanax capitatus</i> (Jacq.) Decne. & Planch.	arv	LYSA 2356	NE
Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	pal	LYSA. 3392	NE
	<i>Bactris caryotifolia</i> Mart.	pal	WM. 5091	EN
	<i>Bactris</i> sp.	pal	WM. 5091	
	<i>Geonoma</i> sp.	pal	LYSA. 2753	
Asteraceae	<i>Vernonia harleyi</i> H.Rob.	arb	LYSA. 2340	
	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	erv	LYSA. 2329	
	<i>Baccharis singularis</i> (Vell.) G.M.Barroso	Arb	LYSA. 2681	
	<i>Conocliniopsis prasiifolia</i> (DC.) R.M.King & H.Rob.	sb	LYSA. 2331	
	<i>Elephantopus</i> sp.	sb	LYSA. 2669	
	<i>Koanophyllon conglobatum</i> (DC.) R.M.King & H.Rob.	arb	LYSA. 2321	
	<i>Mikania hirsutissima</i> DC.	trep	WM. 5073	
	<i>Mikania</i> sp.	trep	DCZ. 3445	
	<i>Paralychnophora bicolor</i> (DC.) MacLeish ▼	arb	DCZ. 3442	NE
	<i>Rolandra fruticosa</i> (L.) Kuntze	erv	LYSA. 2316	
	<i>Sphaereupatorium scandens</i> (Gardner) R.M.King & H.Rob.	sb	LYSA. 2321	

	<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski	sb	LYSA. 2675	NE
	<i>Vernonanthura</i> sp.	árv	DR rt331	
	<i>Vernonia gracilis</i> Kunth	sb	WM. 5108	
	<i>Vernonia scorpioides</i> (Lam.) Pers.	sb	LYSA. 2659	
	<i>Vernonia</i> sp. 1	sb	LYSA. 2660	
	<i>Vernonia</i> sp. 2	arb	LYSA. 2338	
	<i>Vernonia</i> sp.3	erv	LYSA. 3376	
	Espécie 1	erv	DR rt172	
	Espécie 2	erv	DR rt107	
	Espécie 3	sb	DR rt253	
	Espécie 4	arb	RG. 2055	
	Espécie 5	sb	LYSA. 2719	
	Espécie 6	sb	LYSA. rt68	
	Espécie 7	sb	DR rt88	
	Espécie 8	arb	DR rt69	
	Espécie 9	sb	DR rt99	
	Espécie 10	erv	DR rt51	
	Espécie 11	sb	DR rt52	
Begoniaceae	<i>Begonia subacida</i> Irmsch.	erv	LYSA. 2714	ENB
	<i>Begonia angularis</i> Raddi	erv	DCZ. 3452	EN
	<i>Begonia convolvulacea</i> (Klotzsch) A.DC.	arb	SCS. 23	EN
	<i>Begonia glabra</i> Aubl.	epí	LYSA 3409	NE NRB NRM
	<i>Begonia grisea</i> A.DC.	arb	LYSA. 2345	NE
	<i>Begonia itaguassuensis</i> Brade ▼	erv	LAMS. 4461	EN
	<i>Begonia maculata</i> Raddi	erv	LYSA. 2809	EN
<i>Begonia smilacina</i> A.DC. ▼	epí	LAMS. 4469	ENB	
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma coriaceum</i> A.DC.	trep	LYSA. 3361	EN
	<i>Adenocalymma</i> sp.	trep	DR rt58	
Boraginaceae	<i>Cordia</i> sp.	árv	RG. 2056	
Bromeliaceae	<i>Hohenbergia stellata</i> Schult. & Schult.f.	erv	LYSA. 2795	NE
	<i>Aechmea</i> sp.	epí	LYSA 2788	
	<i>Aechmea andersoniana</i> Leme & H.Luterva	erv	LYSA. 2731	ENB
	<i>Aechmea disjuncta</i> (L.B.Sm.) Leme & J.A.Siqueira	erv	WM. 5071	ENB

	<i>Aechmea fulgens</i> Brongn	erv	LYSA. 2,773,272	EN NRB
	<i>Aechmea pendulispica</i> Leme & L.Kollmann	erv	RG. 2064	ENB
	<i>Billbergia</i> sp. 1	erv	LYSA. 2724,28	
	<i>Billbergia</i> sp. 2	erv	LYSA. 2724	
	<i>Bromelia unaensis</i> Leme & Scharf	erv	RFM. 540	ENB
	<i>Canistrum guzmanioides</i> Leme ▼	erv	RG. 2051	ENB
	<i>Guzmania lingulata</i> (L.) Mez. ▲	epí	LYSA 2793	
	<i>Hohenbergia barbaespina</i> Leme & Fraga.	epí	WM. 5066	ENB
	<i>Hohenbergia</i> sp.	erv	DR rt435	
	<i>Hohenbergia stellata</i> Schult. & Schult.f.	erv	LYSA. 2795	
	<i>Nidularium procerum</i> Lindm.	erv	DCZ. 3425	EN
	<i>Racinaea spiculosa</i> (Griseb.) M.A.Spencer & L.B.Sm. ▲	epí	DCZ. 3439	
	<i>Vriesea carinata</i> Wawra.	epí	LYSA 2729	EN NRB
	<i>Vriesea psittacina</i> (Hook.) Lindl.	erv	LYSA. 2722	EN
	<i>Vriesea rhodostachys</i> L.B.Sm.	epí	WM 5096	EN
	<i>Vriesea scalaris</i> E.Morren.	epí	DR 386	EN
Burseraceae	<i>Protium aracouchini</i> (Aubl.) Marchand	sb	WM. 5075	NE
Cactaceae	<i>Rhipsalis floccosa</i> Salm-Dyck ex Pfeiff.	epí	DR RT290	NE
	<i>Rhipsalis hileiabaiana</i> (N.P.Taylor & Barthlott) N. Korotkova & Barthlott	epí	DCZ. 3416	ENB
Campalunaceae	<i>Centropogon cornutus</i> (L.) Druce	ár	LYSA. 2686	NE
Cannabaceae	Espécie 1.	ár	DR rt19	
Celastraceae	<i>Cheiloclinium</i> sp.	ár	LYSA. 3396	
	<i>Maytenus</i> sp.	ár	RG. 2073	
Chrysobalanaceae	<i>Couepia monteclarensis</i> Prance	ár	WWT. 9326	EN
	<i>Licania</i> spp	ár	LYSA. 3450	
	<i>Licania</i> sp. 2	ár	DR rt7	
Clusiaceae	<i>Clusia fluminensis</i> Planch. & Triana	ár	WWT. 9307	EN
	<i>Clusia nemorosa</i> G.Mey.	ár	DR rt35	NE
	<i>Tovomita brevistaminea</i> Engl. ▲	ár	LYSA. 3379	
	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	ár	LAMS. 4414	NE
Combretaceae	<i>Coccoloba</i> sp.	trep	LYSA. 3457	
Commelinaceae	<i>Dichorisandra conglomerata</i> Aona & M.C.E.Amaral	erv	LYSA. 3388	ENB

	<i>Dichorisandra hexandra</i> (Aubl.) C.B.Clarke	erv	LYSA. 2709	NE
Costaceae	<i>Costus scaber</i> Ruiz & Pav. ▲	erv	LYSA. 2811	
	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	erv	LYSA. 2742	NE
Curcubitaceae	<i>Gurania</i> sp.	erv	LYSA. 2796	
Cyclanthaceae	<i>Evodianthus funifer</i> (Poit.) Lindm. ▲	erv	LYSA. 2721	
	<i>Thoracocarpus bissectus</i> (Vell.) Harling. ▲	epí	DR RT29	
Cyperaceae	<i>Pleurostachys stricta</i> Kunth	erv	DCZ. 3448	EN
	<i>Becquerelia cymosa</i> Brongn.	erv	LYSA. 2727	NE
	<i>Cyperus esculentus</i> L.	erv	DR rt301b	NE
	<i>Cyperus iria</i> L.	erv	DR rt301a	NE
	<i>Hypolytrum bahiense</i> M.Alves & W.W.Thomas ▼	erv	WM. 5082	EN
	<i>Scleria</i> sp.	erv	WM. 5080	
	<i>Scleria latifolia</i> Sw.	erv	LYSA. 3386	NE
	<i>Scleria secans</i> (L.) Urb.	erv	DR rt85	NE
Dichapetalaceae	<i>Stephanopodium magnifolium</i> Prance ▼	árv	LYSA. 3431	ENB
Dilleniaceae	<i>Davilla angustifolia</i> A.St.-Hil.	Arb	LYSA. 2814	NE
	<i>Tetracera</i> sp.	trep	DR rt182	
Eleocarpaceae	<i>Sloanea</i> sp.	arb	DR rt1	
Ericaceae	<i>Gaylussacia</i> sp.	arb	DCZ. 3437	
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum martii</i> Peyr.	arb	LYSA. 2694	ENB
	<i>Erythroxylum</i> sp.	árv	LYSA. 2358	
Euphorbiaceae	<i>Actinostemon</i> sp.	arb	LYSA. 2717	
	<i>Adenophaedra megalophylla</i> (Müll.Arg.) Müll.Arg.	arb	LYSA. 2396	ENB
	<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) Müll.Arg.	árv	LYSA. 2337	NE
	<i>Aparisthium cordatum</i> (A.Juss.) Baill.	árv	LYSA. 2350	NE
	<i>Bernardia</i> sp.	árv	LYSA. 3375	
	<i>Bernardia tamanduana</i> (Baill.) Müll.Arg.	árv	LYSA. 3384	NE
	<i>Croton macrobothrys</i> Baill.	árv	DR rt36	EN
	<i>Gymnanthes multiramea</i> (Klotzsch) Müll.Arg.	árv	WM. 5058	EN
	<i>Mabea piriri</i> Aubl.	árv	WM. 5062	NE
Fabaceae	<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	sb	LYSA. 2671	NE
Fabaceae	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	árv	DCZ. 3457	NE

	<i>Inga subnuda</i> Salzm. ex Benth.	árv	WM. 5016	EN	
	<i>Albizia</i> sp.	árv	DR rt436		
	<i>Bauhinia</i> sp.	árv	WM. 5112		
	<i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip	arb	LYSA. 2327	NE	
	<i>Crotalaria incana</i> L.	sb	DR rt59	NE	
	<i>Crotalaria</i> sp.	Arb	DR rt388		1
	<i>Desmodium axillare</i> (Sw.) DC.	erv	LYSA. 2328	NE	
	<i>Dioclea</i> sp.	trep	DR rt227		
	<i>Inga capitata</i> Desv. ▲	árv	LYSA. 2373		
	<i>Inga</i> sp. 1	árv	DR rt472		
	<i>Inga</i> sp. 2	árv	LYSA. 3406		
	<i>Inga</i> sp. 3	árv	WM. 5115		
	<i>Inga</i> sp. 4	árv	LYSA. 3406		
	<i>Inga</i> sp. 5	trep	WM. 5015		
	<i>Inga striata</i> Benth.	árv	LYSA. 3362	NE	
	<i>Mimosa pudica</i> L.	arb	LYSA. 2674	NE	
	<i>Senna</i> sp.	arb	DR rt177		
	<i>Senna splendida</i> var. <i>splendida</i>	árv	LYSA. 3446	NE	
	<i>Swartzia apetala</i> Raddi	árv	LYSA. 3401	NE	
	<i>Swartzia oblata</i> R.S.Cowan	árv	LYSA. 2362	EN	
	<i>Swartzia polita</i> (R.S.Cowan) Torke	árv	LYSA. 3403	ENB	
	<i>Swartzia</i> sp.	árv	LYSA. 2703		
	Espécie 1	árv	LYSA. 3448		
	Espécie 2	arb	DR RT63		
	Espécie 3	sb	DR rt49		
	Espécie 4	sb	DR rt161		
	Espécie 5	sb	DR rt180		
	Espécie 6	arb	DR rt220		
	Espécie 7	sb	DR rt448		
	Espécie 8	arb	DR rt170		
	Espécie 9	erv	DR rt173		
Gentianaceae	<i>Chelonanthus purpurascens</i> (Aubl.) Struwe et al.	erv	RG. 2053	NE	
	<i>Macrocarpaea obtusifolia</i> (Griseb.) Gilg	erv	DCZ. 3420	NE	

Gesneriaceae	<i>Codonanthesis uleana</i> (Fritsch) Chautems & Mat. Perret.	epí	DR 258	NE
	<i>Drymonia coccinea</i> (Aubl.) Wiehler ▲	ár	LYSA. 2706	
	<i>Nematanthus albus</i> Chautems	epí	WWT. 9333	EN
	<i>Nematanthus corticola</i> Schrad.	erv	SCS. 1991	ENB
	<i>Sinningia barbata</i> (Nees & Mart.) G.Nicholson	erv	LAMS. 4486	EN
Gratiolaceae	<i>Stemodia</i> sp.	sb	LYSA. 2663	
Heliconiaceae	<i>Heliconia angusta</i> Vell.	erv	LAMS. 4444	EN
	<i>Heliconia richardiana</i> Miq. ▲	erv	LYSA. 2725	
Humiriaceae	<i>Vantanea obovata</i> (Nees & Mart.) Benth.	ár	DCZ. 3427	NE NRM
	<i>Sacoglottis guianensis</i> Benth.	ár	JGJ. 5034	NE NRB NRM
	<i>Vantanea</i> sp.	ár	LYSA. 2348	
Hypericaceae	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	ár	LYSA. 2821	NE
Icacinaeae	<i>Emmotum</i> sp.	Arb	DCZ. 3440	
	<i>Pleurisanthes</i> sp.	trep	LYSA. 2377	
Iridaceae	<i>Neomarica</i> sp.	erv	WM. 5086	
	<i>Trimezia martinicensis</i> (Jacq.) ervab.	erv	LAMS. 2937	NE
Lacistemataceae	<i>Lacistema robustum</i> Schnizl. ▼	arb	LYSA. 2359	NE
Lamiaceae	<i>Hyptis martiusii</i> Benth.	sb	DR rt199	NE
	<i>Hyptidendron asperrimum</i> (Spreng.) Harley	ár	WM. 5103	NE
	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R.Br.	sb	DR rt179	NE
	<i>Salvia</i> sp.	trep	LYSA. 2808	
	<i>Scutellaria coccinea</i> kunth	erv	LYSA. 2363	
Lauraceae	<i>Aniba</i> sp.	ár	LYSA. 3427	
	<i>Nectandra</i> sp.	ár	LYSA. 3410	
	<i>Ocotea</i> sp.	ár	DCZ. 3430	
	Espécie 1	ár	LYSA. 2353	
	Espécie 2	ár	LYSA. 3369	
	Espécie 3	ár	LYSA. 3413	
Lecythydaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart. ex Miers ▲	ár	LYSA. 2810	
	<i>Eschweilera tetrapetala</i> S.A.Mori ▼	ár	SCS. 316	EN
Loganiaceae	<i>Spigelia laurina</i> Cham. & Schltldl.	erv	DCZ. 3454	
Loranthaceae	<i>Struthanthus</i> sp.	par	LYSA. 2354	

Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis membranifolia</i> (A.Juss.) B.Gates ▲	erv	LYSA. 2320	
	<i>Byrsonima</i> <i>Byrsonima stipulacea</i> A.Juss	arb	LYSA. 2318	EN
	<i>Byrsonima sericea</i> DC.	arb	LYSA. 2343	NE
	<i>Heteropterys bullata</i> Amorim ▼	trep	LAMS. 4480	EN
Malvaceae	<i>Acanthospermum</i> sp.	erv	DR rt160	
	<i>Pavonia cancellata</i> (L.) Cav.	erv	DR rt447	NE
	<i>Pavonia</i> sp.	ár	LYSA. 3424	
	<i>Sida</i> sp. 1	sb	DR rt452	
	<i>Sida</i> sp. 2	sb	DR rt178	
	<i>Sida</i> sp. 3	sb	DR rt 176	
	<i>Sida</i> sp. 4	arb	DR rt146	
	<i>Triumfetta</i> sp.	sb	DR rt54	
Maranthaceae	<i>Calathea</i> sp.	sb	LYSA. 3463	
	<i>Maranta</i> sp.	sb	LYSA. 3360	
Melastomataceae	<i>Aciotis</i> sp.	erv	RG. 2047	
	<i>Bertolonia carmoi</i> Baumgratz	erv	LYSA. 2702	ENB
	<i>Clidemia capilliflora</i> (Naudin) Cogn.	sb	LYSA. 2692	EN
	<i>Clidemia capitellata</i> (Bonpl.) D.Don	arb	RG. 2049	NE
	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D.Don	sb	LYSA. 2689	NE
	<i>Graffenrieda intermedia</i> Triana	ár	WM. 5104	NE
	<i>Henriettea succosa</i> (Aubl.) DC.	arb	LYSA. 2315	NE
	<i>Huberia sessilifolia</i> R. Goldenberg. & Michelangeli.***	arb	RG. 2052	EN
	<i>Leandra clidemioides</i> (Naudin) Wurdack	sb	LYSA. 2697	
	<i>Leandra cuneata</i> (Mart.) Cogn.	ár	LYSA. 3423	EN
	<i>Leandra</i> sp.1	sb	LYSA. 2658	
	<i>Leandra</i> sp.2	sb	DR rt237	
	<i>Meriania inflata</i> Michelangeli & R. Goldenberg.***	ár	RG. 2078	EN
	<i>Miconia amoena</i> Triana	ár	RG. 2059	EN
	<i>Miconia budlejoides</i> Triana	ár	RG. 2075	EN
	<i>Miconia ciliata</i> (Rich.) DC.	erv	LYSA. 2334	NE
<i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin	ár	RG. 2043	EN	
<i>Miconia latecrenata</i> (DC.) Naudin	ár	WM. 5060	EN	
<i>Miconia lepidota</i> DC.	ár	RG. 2074	NE	

	<i>Miconia mirabilis</i> (Aubl.) L.O.Williams	arb	LYSA. 2322	NE
	<i>Miconia nervosa</i> (Sm.) Triana	arb	LYSA. 2807	NE
	<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.	arb	LYSA. 2678	NE
	<i>Miconia sp.1</i>	erv	WM. 5117	
	<i>Miconia sp.2</i>	árv	DR rt32	
	<i>Miconia sp.3</i>	árv	RG. 2050	
	<i>Miconia sp.4</i>	árv	DCZ. 3434	
	<i>Miconia sp.5</i>	árv	DR rt22	
	<i>Miconia sp.6</i>	arb	LYSA. 2680	
	<i>Ossaea sp.</i>	sb	LYSA. 2,775	
	<i>Physeterostemon aonae</i> Michelangeli &R. Goldenberg.***	erv	LYSA. 2388	EN
	<i>Pterolepis glomerata</i> (Rottb.) Miq.	erv	RG. 2048	NE
	<i>Tibouchina clidemioides</i> (Triana) Cogn.	arb	RG. 2066	EN NRB
	<i>Tibouchina heteromalla</i> (D.Don) Cogn.	arb	RG. 2065	NE
	Espécie 1	arb	LYSA. 2804	
	Espécie 2	sb	DR rt378	
	Espécie 3	erv	LYSA. 2780	
Meliaceae	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	árv	WM. 5061	NE
	<i>Guarea blanchetii</i> C.DC.	árv	LYSA. 3407	EN
Menispermaceae	Espécie 1	árv	LYSA. 3419	
Monimiaceae	Espécie 1	árv	LYSA. 3396	
Moraceae	<i>Ficus sp.</i>	árv	LYSA. 3417	
Moraceae	<i>Sorocea klotzschiana</i> Baill.	árv	LYSA. 2390	NE NRM
	<i>Eugenia platyphylla</i> O.Berg	arb	EL. 1162	EN
	<i>Eugenia bacopari</i> D.Legrand	árv	FFM. 3001	EN NRB
	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	árv	EL. 1167	EN
	<i>Eugenia calounora</i> Sobral & Rigueira ***	arb	EL. 1160	EN
Myrtaceae	<i>Eugenia sp. 1</i>	árv	DR rt130	
	<i>Eugenia sp. 2</i>	árv	DR rt39	
	<i>Eugenia sp. 3</i>	árv	DR rt417	
	<i>Eugenia sp. 4</i>	árv	EL. 1165	
	<i>Eugenia sp. 5</i>	árv	EL. 1183	
	<i>Eugenia sp. 6</i>	árv	EL. 1215	

	<i>Eugenia</i> sp. 7	ár	EL. 1188	
	<i>Eugenia</i> sp. 8	ár	DR. Rt317	
	<i>Marlierea</i> sp.	ár	EL. 1190	
	<i>Myrcia pseudomarlierea</i> Sobral	ár	EL. 1216	ENB
	<i>Myrcia crocea</i> Kiaersk.	ár	DR rt388	EN
	<i>Myrcia marianae</i> Staggemeier & E.Lucas	arb	EL. 1161	ENB
	<i>Myrcia montana</i> Cambess.	arb	EL. 1163	NE NR
	<i>Myrcia ramiflora</i> Sobral, Rigueira & E. Lucas ***	arb	EL. 1181	EN
	<i>Myrcia ramuliflora</i> (O.Berg) N.Silveira	ár	EL. 1168	ENB
	<i>Myrcia springiana</i> (O.Berg) Kiaersk.	ár	EL. 1210	EN
	<i>Myrcia</i> sp. 1	ár	DR rt17	
	<i>Myrcia</i> sp. 2	arb	EL. 1159	
	<i>Myrcia</i> sp. 3	ár	EL. 1166	
	<i>Myrcia</i> sp. 4	ár	EL. 1182	
	<i>Myrcia</i> sp. 5	ár	EL. 1189	
	<i>Myrcia</i> sp. 6	ár	EL. 1164	
	<i>Myrcia</i> sp. 7	ár	EL. 1184	
	<i>Plinia</i> sp.	ár	FFM. 3002	
	<i>Psidium guineense</i> Sw.	ár	EL. 1213	NE
	Espécie 1	arb	LYSA. 2767	
	Espécie 2	ár	DR rt44	
Nyctaginaceae	<i>Guapira obtusata</i> (Jacq.) Little	ár	WM. 5085	NE
	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	ár	LYSA. 3443	NE
	<i>Guapira venosa</i> (Choisy) Lundell	ár	LYSA. 2384	NE
	Espécie 1	ár	DR rt468	
	Espécie 2	ár	DR rt3	
Ochnaceae	<i>Ouratea gigantophylla</i> (Erhard) Engl.	ár	LYSA. 3366	ENB
	<i>Ouratea tenuifolia</i> Engl.	sb	LYSA. 2376	NRB NRM
	<i>Sauvagesia erecta</i> L.	sb	LYSA. 2666	NE
Orchidaceae	<i>Stelis</i> sp.	epí	LYSA 2776	
	<i>Anathallis sclerophylla</i> (Lindl.) Pridgeon & M.W.Chase.	epí	LYSA 2769	NE
	<i>Aspidogyne</i> sp.	erv	LYSA. 3452	
	<i>Specklinia</i> sp.	epí	LYSA 2776	

	<i>Bifrenaria racemosa</i> (Hook.) Lindl.	epí	WM. 5083	EN NRB
	<i>Catasetum</i> sp.	erv	LYSA. 2747	
	<i>Cyrtopodium</i> sp.	erv	DR rt163	
	<i>Elleanthus linifolius</i> C.Pres	erv	LYSA. 2712	NE
	<i>Epidendrum saxatile</i> Lindl.	epí	DCZ. 3435	NE
	<i>Epidendrum secundum</i> Jacq.	epí	LYSA 2339	NE
	<i>Gomesa recurva</i> R.Br.	epí	LYSA 3418	NE
	<i>Liparis nervosa</i> (Thumb.) Lindl.	epí	LYSA 2361	NE
	<i>Octomeria</i> sp.	epí	LYSA 3461	
	<i>Oeceoclades maculata</i> (Lindl.) Lindl.	erv	JGJ. 5020	NE
	<i>Paradisanthus bahiensis</i> Rchb.f.	Trep	DCZ. 3432	ENB
	<i>Pleurothallidinae</i> .	epí	LYSA 3397	
	<i>Prostechea</i> sp.	epí	DCZ. 3429	
	<i>Rodriguesia</i> sp.	epí	DR 292	
	<i>Scaphyglottis</i> sp.	epí	DR 358	
	<i>Sobralia sessilis</i> Lindl.	erv	LYSA. 3387	NE
	<i>Triphora amazonica</i> Schltr.	erv	DR rt257	NE NRM NRB
	<i>Wulfschlaegelia calcarata</i> Benth.	erv	LYSA. 3439	NE NRB NRM
Oxalidaceae	<i>Oxalis hedysarifolia</i> Raddi	erv	LYSA. 2806	
Passifloraceae	<i>Passiflora recurva</i> Mast.	trep	DR rt437	NE NRM
	<i>Passiflora</i> sp.	trep	LYSA. 3428	
	<i>Passiflora suberosa</i> L.	trep	LYSA. 2819	NE
Pentaphragmaceae	<i>Ternstroemia brasiliensis</i> Cambess.	árv	LYSA. 3412	NE
Peraceae	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.	árv	LYSA. 3374	NE
Phyllanthaceae	<i>Hyeronima oblonga</i> (Tul.) Müll.Arg.	árv	SCS. 318	NE
	<i>Margaritaria nobilis</i> L.f.	árv	DR rt11	NE
Picramniaceae	<i>Picramnia</i> sp.	árv	LYSA. 2369	
Piperaceae	<i>Peperomia corcovadensis</i> Gardner	erv	WM. 5065	EN
	<i>Peperomia</i> sp.	erv	LYSA. 2364	
	<i>Piper aduncum</i> L.	sb	DR rt312	NE
	<i>Piper arboreum</i> Aubl.	arb	LYSA. 2693	NE
	<i>Piper gaudichaudianum</i> Kunth	arb	WM. 5109	NE
	<i>Piper limai</i> Yunck.	arb	LYSA. 2360	NE

	<i>Piper mollicomum</i> Kunth	arb	LYSA. 2364	NE
	<i>Piper permucronatum</i> Yunck.	arb	LYSA. 2802	EN
	<i>Piper</i> sp. 1	sb	LYSA. 2723	
	<i>Piper</i> sp. 2	sb	LYSA. 3383	
	<i>Piper</i> sp. 3	arb	LYSA. 2379	
	<i>Piper</i> sp. 4	arb	DCZ. 3418	
Plantaginaceae	<i>Stemodia</i> sp.	erv	DCZ. 3450	
	<i>Chusquea bahiana</i> L.G.Clark	erv	LYSA. 2777	EN
	<i>Dichantherium</i> sp.	erv	LYSA. 2690	
	<i>Digitaria tenuis</i> (Nees) Henrard	erv	DR rt127	NE NRM
	<i>Ichnanthus</i> sp.	erv	WM. 5095	EN
	<i>Melinis minutiflora</i> P.Beauv.	erv	DR rt171	NE
Poaceae	<i>Melinis repens</i> (Willd.) Zizka	erv	LYSA. 2344	NE
	<i>Panicum brevifolium</i> L.	erv	DR rt144	NE
	<i>Parodiolyra micrantha</i> (Kunth) Davidse & Zuloaga	erv	LYSA. 3382	NE
	<i>Paspalum strigosum</i> Döll	erv	DR rt166	ENB
	<i>Rugoloa pilosa</i> (Sw.) Zuloaga	erv	DR rt150	NE
	<i>Setaria scabrifolia</i> (Nees) Kunth	erv	DR rt195	NE
	<i>Urochloa brizantha</i> (Hochst. ex A. Rich.) R.D.Webster	erv	DR rt55	NE
	<i>Urochloa decumbens</i> (Stapf) R.D.Webster	erv	DR rt175	NE
Polygalaceae	<i>Asemeia ilheotica</i> (Wawra) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott	ver	LYSA. 2330	EN
	<i>Polygala paniculata</i> L.	erv	LYSA. 2326	
Primulaceae	Espécie 1	trep	DCZ. 3436	
Ranunculaceae	<i>Clematis dioica</i> L.	arb	LYSA. 2677	NE
Rhamnaceae	<i>Gouania virgata</i> Reissek	trep	LYSA. 3430	NE NRM NRB
	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	trep	DR rt405	NE
	<i>Amaioua guianensis</i> Aubl.	árv	JGJ. 4996	NE
	<i>Amaioua intermedia</i> Mart. ex Schult. & Schult.f.	árv	LYSA. 3451	NE
Rubiaceae	<i>Bathysa mendoncae</i> K.Schum.	árv	LAMS. 4465	EN
	<i>Borreria humifusa</i> Mart.	erv	WM. 5110	EN
	<i>Borreria latifolia</i> (Aubl.) K.Schum.	erv	DR rt219	NE
	<i>Borreria ocymifolia</i> (Roem. & Schult.) Bacigalupo & E.L.Cabral	sb	DR rt120	NE
	<i>Carapichea lucida</i> J.G.Jardim & Zappi	arb	AMA. 5078	ENB

<i>Chomelia martiana</i> Müll.Arg.	Arb	DCZ. 3446	NE
<i>Coccocypselum aureum</i> (Spreng.) Cham. & Schtdl.	erv	LAMS. 4451	NE
<i>Coccocypselum cordifolium</i> Nees & Mart.	erv	LYSA. 2728	NE
<i>Coccocypselum hirsutum</i> Bartl. ex DC.	erv	WM. 5119	NE
<i>Coccocypselum lanceolatum</i> (Ruiz & Pav.) Pers.	erv	DR rt81	NE
<i>Cordia myrciifolia</i> (K.Schum.) C.H.Perss. & Delprete	arb	DCZ. 3431	NE
<i>Cordia</i> sp.	arb	LYSA. 2839	
<i>Coussarea congestiflora</i> Müll.Arg.	árv	LYSA. 2355	EN
<i>Emmeorrhiza umbellata</i> (Spreng.) K.Schum.	trep	JGJ. 5082	NE
<i>Faramea axilliflora</i> DC.	arb	AMA. 5094	EN
<i>Faramea bicolor</i> J.G.Jardim & Zappi	árv	LYSA. 3449	ENB
<i>Faramea multiflora</i> A.Rich. ex DC.	arb	LYSA. 2365	NE
<i>Ferdinandusa speciosa</i> (Pohl) Pohl	árv	WWT. 9382	NE NRM
<i>Galium noxium</i> (A.St.-Hil.) Dempster	erv	JGJ. 5079	NE
<i>Ixora muelleri</i> (Muell. Arg.) Bremekamp	árv	LYSA. 3380	EN
<i>Margaritopsis chaenotricha</i> (DC.) C.M.Taylor	arb	LYSA. 2366	EN
<i>Margaritopsis cymuligera</i> (Müll.Arg.) C.M.Taylor	árv	LYSA. 2382	EN
<i>Margaritopsis</i> sp. 1	árv	LYSA. 3433	
<i>Mitracarpus robustus</i> E.B. Souza & E.L. Cabral	sb	LYSA. 2673	NE
<i>Notopleura bahiensis</i> C.M.Taylor	erv	LYSA. 3414	EN
<i>Pagamea guianensis</i> Aubl.	arb	DCZ. 3443	NE
<i>Posoqueria latifolia</i> (Rudge) Schult.	árv	WM. 5114	NE
<i>Psychotria cornigera</i> Benth.	sb	LYSA. 3441	NE NRM NRB
<i>Psychotria cupularis</i> (Müll.Arg.) Standl.	arb	DR rt57	NE
<i>Psychotria deflexa</i> DC.	arb	LYSA. 2791	NE
<i>Psychotria hastisepala</i> Müll.Arg.	arb	DR rt126	NE
<i>Psychotria hoffmannseggiana</i> (Willd. ex Schult.) Müll.Arg.	sb	LYSA. 2789	NE
<i>Psychotria iodotricha</i> Müll.Arg.	arb	LYSA. 3291	NE
<i>Psychotria leiocarpa</i> Cham. & Schtdl.	sb	LYSA. 2704	NE
<i>Psychotria lupulina</i> Benth.	erv	DR rt422	NE
<i>Psychotria mapourioides</i> DC.	árv	SCS. 317	NE NRM
<i>Psychotria minutiflora</i> Müll.Arg.	arb	RFM. 537	NE
<i>Psychotria phyllocalymma</i> Müll.Arg.	arb	WOF. 84	EN

1

	<i>Psychotria platypoda</i> DC.	arb	LYSA. 2698	NE
	<i>Psychotria racemosa</i> (Aubl.) Rich.	arb	SCS. 301	NE
	<i>Psychotria schlechtendaliana</i> (Müll.Arg.) Müll.Arg.	arb	WOF. 85	NE
	<i>Psychotria</i> spp. Nova	arb	WM. 5064	
	<i>Randia</i> sp.	árv	DR rt357	
	<i>Ronabea latifolia</i> Aubl. ▲	árv	LYSA. 3371	EFP
	<i>Rudgea conocarpa</i> Müll.Arg.	sb	JGJ. 3971	ENB
	<i>Rudgea hileiabaiana</i>	árv	LYSA. 3458	
	<i>Rudgea interrupta</i> Benth.	árv	LYSA. 3372	ENB
	<i>Rudgea involuocrata</i> Müll.Arg.	arb	DCZ. 3415	ENB
	<i>Rudgea subcordata</i> Müll.Arg.	arb	DCZ. 3447	EN NRB
Rutaceae	<i>Dictyoloma vandellianum</i> A.Juss.	árv	DR rt41	NE
	<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart.	arb	WM. 5084	NE
	<i>Zanthoxylum nemorale</i> Mart.	árv	DR rt15	EN
Salicaceae	<i>Casearia bahiensis</i> Sleumer	árv	LYSA. 2732	EN
	<i>Casearia commersoniana</i> Cambess.	árv	DR rt202	NE
	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	arb	LYSA. 2778	NE
Santalaceae	<i>Phoradendron crassifolium</i> (Pohl ex DC.) Eichler	arb	LYSA. 2815	NE
	<i>Stachytarpheta</i> sp.	sb	DR rt104	
Sapindaceae	<i>Allophylus edulis</i> (A.St.-Hil. et al.) Hieron. ex Niederl.	sb	LYSA. 2726	NE
	<i>Paullinia</i> sp. 1	trep	DR rt429	
	<i>Paullinia</i> sp. 2	trep	DR rt164	
Siparunaceae	<i>Mollinedia</i> sp.	árv	LYSA. 3444	
	<i>Siparuna</i> sp. 1	árv	LYSA. 2313	
	<i>Siparuna</i> sp. 2	arb	DR rt48	
Solanaceae	<i>Aureliana fasciculata</i> (Vell.) Sendtn.	árv	LYSA. 2370	NE
	<i>Brunfelsia clandestina</i> Plowman	arb	LYSA. 2607	EN
	<i>Cestrum axillare</i> Vell.	arb	DR rt50	NE
	<i>Cestrum salzmannii</i> Dunal	árv	LYSA. 2352	NE
	<i>Lycianthes pauciflora</i> (Vahl) Bitter ▲	trep	LYSA. 2392	EFP
	<i>Solanum amorimii</i> S.Knapp & Giacomini	arb	WM. 5107	EN
	<i>Solanum asperum</i> Rich.	arb	DR rt451	NE
<i>Solanum caavurana</i> Vell.	arb	LYSA. 3389	NE	

	<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	arb	DR rt06	NE
	<i>Solanum paniculatum</i> L.	arb	DR rt112	NE
	<i>Solanum polytrichum</i> Moric.	sb	LYSA. 2700	NE
	<i>Solanum rupincola</i> Sendtn.	trep	LYSA. 2736	NE
	Solanum sp. 1	arb	RG. 2058	
	Solanum sp. 2	arb	DR rt145	
	Solanum sp.3	arb	DR rt409	
Thymelaeaceae	<i>Daphnopsis martii</i> Meisn.	árv	LYSA. 2378	EN NRB
	<i>Pilea rhizobola</i> Miq. ▲	erv	LAMS. 4464	EFP
Urticaceae	<i>Pilea</i> sp.	sb	LYSA. 2713	
	<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.	árv	WM. 5100	NE
	<i>Pourouma mollis</i> Trécul ▲	árv	Monro 7385	EFP
Verbenaceae	<i>Lippia lippoides</i> (Cham.) Rusby	sb	LYSA. 2820	NE NRB
	<i>Lantana undulata</i> Schrank	arb	LYSA. 1923	EM
	<i>Stachytarpheta maximiliani</i> Schauer	sb	LYSA. 2670	EN
Violaceae	<i>Paypayrola blanchetiana</i> Tul.	árv	WM. 5116	EM
Vitaceae	<i>Cissus</i> sp.	trep	LYSA. 2347	
Winteraceae	<i>Drimys brasiliensis</i> Miers	arb	DCZ. 3441	EM

Obs: Siglas para as iniciais dos coletores: AH: Haigh, A; AMA: Amorim, A.M; DCZ = Zappi, D.C; DR: Rigueira, D; EL: Lucas, E; FFM: Mazine, F.F; JGJ: Jardim, J.G; LAMS: Silva, L.A.M; LYSA: Aona, L,Y, S ; RFM: Monteiro, R.F; RG: Goldenberg, R; SCS: Santana, S.C; WM: Milliken, W; WOF: Fonseca, W.O; WWT:

4. Discussão

Estudos realizados em Floresta Atlântica na Bahia apontam que existe uma constância em nível de família, sendo as mais importantes com maiores número de espécies são Fabaceae, Myrtaceae, Rubiaceae, Melastomataceae e Bromeliaceae. Esses resultados também foram encontrados em diversos estudos da Floresta Atlântica como o trabalho de levantamento de uma área transicional entre Floresta Ombrófila e Estacional no estado da Bahia (Thomas et al. 2009), o levantamento realizado em transição de Floresta Ombrófila na Serra do Teimoso, BA (Amorim et al., 2005), outro levantamento realizado em área transicional na Serra da Jiboia (Sobrinho & Queiroz, 2005) e em região Montana em Almadina-Barro Preto, BA (Coelho & Amorim, 2014).

Os resultados obtidos nesse estudo demonstram que a maior riqueza de espécies ocorre nas famílias Rubiaceae, Melastomataceae, Fabaceae, Myrtaceae, Asteraceae, Orchidaceae e Bromeliaceae que juntas, totalizaram 47,6% das espécies relatadas. Essas famílias já foram apontadas como as principais famílias botânicas para o sudeste da Bahia em outros estudos.

Os gêneros que apresentaram maior número de espécies na EEEWG foram *Psychotria*, *Miconia*, *Myrcia*, *Solanum*, *Eugenia*, *Piper* e *Begonia*. Resultados muito semelhantes foram encontrados por Amorim et al. (2005) e Sobrinho & Queiroz (2005) trabalhando em vegetação Ombrófila no estado da Bahia. Nesses estudos, os gêneros mais citados para a região do sudeste da Bahia *Eugenia*, *Solanum*, *Pouteria*, *Myrcia*, *Psychotria* e *Miconia*.

Apesar do Domínio da Floresta Atlântica ser um dos melhores ambientes estudados em relação a levantamentos florísticos e estudos estruturais (Barbosa et al. 2005; Caiafa & Martins, 2007), alguns dados evidenciados no presente

estudo reforçam a importância de amostragem de novas áreas e do esforço de coleta constante para a melhor delimitação florística do domínio. A partir desse estudo foram possíveis a descoberta de dez novas ocorrências de espécies para o estado da Bahia (*Myrcia montana* Cambess., *Bifrenaria racemosa* (Hook.) Lindl, *Eugenia bacopari* D.Legrand; *Aechmea fulgens* Brongn; *Vriesea carinata* Wawra; *Rudgea subcordata* Müll.Arg; *Daphnopsis martii* Meisn, *Begonia maculata* Raddi, *Guatteria villosissima* A.St.-Hil, *Tibouchina clidemioides* (Triana) Cogn.), a ampliação de distribuição geográfica de espécies em relação aos domínios fitogeográficos brasileiros, como por exemplo, *Vantanea obovata* (Nees & Mart.) Benth tinha registro apenas para cerrado, e *Digitaria tenuis* (Nees) só havia sido coletada na caatinga enquanto *Passiflora recurva* Mast. era registrada apenas para cerrado e caatinga. Os dados aqui apresentados comprovam que apesar dos esforços de coleta na Floresta Atlântica ser superior do que em outros biomas, os dados florísticos são, na maioria das vezes, trabalhados com grupos específicos e os dados de levantamentos que cobrem a distribuição das angiospermas no geral ainda são pouco amostradas (Dittrich & Salino, 2012). Outro resultado importante foi a observação das conexões florísticas entre a Floresta Atlântica e a Floresta Amazônica, como já relatado em outros estudos (Thomas *et al.*, 1998; BAHIA, 2010). Isso pode ser relatado em *Triphora amazonica* Schltr., *Psychotria cornigera* Benth, *Wulfschlaegelia calcarata* Benth e *Begonia glabra* Aubl. que até então, só tinham registro para a Floresta Amazônica (Forzza *et al.*, 2016), além de *Ferdinandusa speciosa* (Pohl) Pohl, *Psychotria mapourioides* DC. e *Sorocea klotzschiana* Baill que apresentavam ocorrência restrita a Floresta Amazônica e ao Cerrado. *Couma rigida* Müll.Arg. apresentava ocorrência na Floresta Amazônica e em campo rupestre onde já tinha registro para o estado da Bahia, mas não na Floresta Atlântica (Forzza *et al.*, 2016). *Gouania virgata* Reissek e

Sacoglottis guianensis Benth haviam sido registradas no Amazonas, Cerrado e Caatinga (Forzza *et al.*, 2016).

Grande parte das espécies novas descritas para o Brasil são provenientes de áreas de Mata Atlântica da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro (Goldenberg *et al.*, 2016). Apesar da taxa de descoberta de novas espécies ter diminuído nas últimas décadas (Maarten *et al.* 2016), cinco novas espécies foram descritas a partir de coletas realizadas neste estudo. As três espécies descritas são da família Melastomataceae: *Huberia sessilifolia* R. Goldenberg & Michelangeli, *Meriania inflata* Michelangeli & R. Goldenberg e *Physeterostemon aonae* Michelangeli & R. Goldenberg (Goldenberg *et al.*, 2016) e duas espécies da família Myrtaceae: *Eugenia calounora* Sobral & Rigueira e *Myrcia ramiflora* Sobral, Rigueira & E. Lucas (Sobral *et al.*, 2015). Uma espécie de Poaceae está em processo de descrição (*Ichnanthus* sp.). Além disso, três espécies de Bromeliaceae foram descritas a partir de materiais tipos provenientes da área de estudo (Leme & Luther, 1998; Leme, 1999; Leme & Luther, 2003). Esses dados enfatizam a alta diversidade vegetal da Floresta Atlântica na área de EEEWG e a importância que as áreas protegidas têm para a manutenção da biodiversidade desse local e a necessidade de apoio financeiro e científico para estudos que compilem dados sobre a flora local.

Optou-se pela manutenção das espécies exóticas na lista florística aqui apresentada por conta das implicações ecológicas que a invasão biológica pode acarretar à composição florística da vegetação. Entretanto, é necessário ter em vista que nem todas as espécies exóticas se tornam invasoras e nem todas as invasoras causam grandes problemas ambientais (Moro *et al.* 2012). A maioria dos levantamentos exclui as espécies exóticas, porém é de fundamental importância relatar o aparecimento delas nas listas florísticas e

nos tratamentos taxonômicos de plantas, pois entende-se que é uma perda de informação útil (Moro *et al.* 2012), pois as mesmas podem passar a integrar e interagir com a flora regional, e esses dados podem contribuir com estudos sobre bioinvasão (Moro & Martins, 2011). A ocorrência de algumas espécies exóticas na área (e.g. *Hypoestes phyllostachya* Baker, conhecida popularmente como “confete”) pode ser justificada pelo fato de grandes áreas dentro da reserva eram utilizadas para fins agrícolas, inclusive com populações humanas vivendo nela até a década de 1990 (Bahia, 2010; Goldenberg *et al.* 2016).

O endemismo de espécies na Floresta Atlântica é 47,68% (Forzza, 2016) valor próximo do encontrado na EEEWG, onde verificou-se que 40% das espécies identificadas são endêmicas. Historicamente, os valores de endemismo apresentados para a Floresta Atlântica da Bahia variavam entre 52,3 e 54,8% (Mori *et al.*, 1981, Thomas 1998), provavelmente, a diminuição do endemismo se deve à ampliação das áreas de coleta e do número de instituições e herbários no país, que intensificou o esforço amostral e, conseqüentemente, as coleções botânicas da Floresta Atlântica. Tal padrão já foi evidenciado para a Caatinga (Costa *et al.*, 2015) e ambientes aquáticos (Aona *et al.*, 2015).

Foram verificadas algumas conexões florísticas entre EEEWG com a Floresta Amazônica (Bahia, 2010). Dez das novas ocorrências provenientes desse estudo são agora de ocorrência compartilhada entre as duas formações. Esses diversos elementos florísticos em comum também foi evidenciado por Bahia (2010) e Thomas *et al.* (1998). Outras 14 espécies resultantes desse levantamento florístico já eram segundo A Lista da Flora do Brasil (2016) de ocorrência compartilhada entre a Floresta Pluvial Atlântica e a Floresta Pluvial Amazônica (Tabela 1): *Scheffleravarisiana* Frodin, *Racinaeaspiculosa* (Griseb.)

M.A.Spencer & L.B.Sm, *Tovomitabrevistaminea* Engl, *Costusscaber* Ruiz & Pav, *Evodianthusfunifer* (Poit.) Lindm, *Thoracocarpusbissectus* (Vell.) Harling, *Ingacapitata* Desv, *Drymoniacoccinea* (Aubl.) Wiehler, *Heliconiarichardiana* Miq, *Eschweileraovata* (Cambess.) Mart. ex Miers, *Banisteriopsismembranifolia* (A.Juss.) B.Gates, *Ronabealatifolia* Aubl, *Lycianthespauciflora* (Vahl) Bitter, *Pilearhizobola* Miq e *Pouroumamolliis* Trécul.

Segundo Oliveira-Filho & Fontes (2000), as duas florestas estão separadas por um corredor de vegetação sazonal com formações abertas que inclui as caatingas e o cerrado. Esse compartilhamento de espécies e gêneros são esperados entre as duas formações por conta de condições similares de de precipitação e temperatura que são apontadas como os principais fatores determinantes da distribuição do formações vegetais do mundo. Uma vez que essas florestas que estão sob forte influência da chuva também foi sugerido uma similaridade entre essas esses ambientes através de estudos de Rizzini (1963), Andrade-Lima (1964), Mori *et al.* (1981) e Carnaval & Moritz(2008).

No geral, os hábitos não-arbóreos somaram 326 espécies (69% das espécies) e o arbóreo 146 espécies, revelando que a maior riqueza de espécies na vegetação da EEEWG está no estrato não-arbóreo. Existe uma variação nessa proporção não-arbóreo/arbóreo nos diversos levantamentos para a Floresta Atlântica (Amorim *et al.*, 2009). Entretanto, somente nesse estudo e na área de Floresta Atlântica Reserva Particular do Patrimônio Natural Serra Bonita (Amorim *et al.*, 2009) a proporção de não-arbóreo foi superior ao de arbóreos. Essa relação é importante nas investigações, pois áreas florestais em melhor estado de conservação tendem a apresentar maior riqueza nos componentes arbóreos, além de diversidade elevada de epífitos (não-arbóreo), possibilitando novas linhas de investigação para a EEEWG.

A partir desse levantamento, foram registradas 10 espécies que foram citadas na RedList (CNCFlora, 2016) em estado vulnerável ou ameaçadas de extinção: *Paralychnophorabicolor* (DC.) MacLeish (Asteraceae), *Anthuriumianthinopodum* (Schott ex Engl.) Nadruz & Mayo (Araceae) e *Lacistemarobustum* Schnizl. (Lacistemataceae). Outras sete espécies além de estarem ameaçadas, são endêmicas da Floresta Atlântica: *Mandevillasellowii* (Müll.Arg.) Woodson (Apocynaceae), *Hypolytrumbahiense* M.Alves & W.W.Thomas (Cyperaceae), *Eschweilera tetrapetala* S.A.Mori (Lecytidaceae), *Heteropterys bullata* Amorim (Malpighiaceae), *Begonia smilacina* A.DC. (Begoniaceae), *Canistrum guzmanoides* Leme (Bromeliaceae), *Stephanopodium magnifolium* Prance (Dichapetalaceae), sendo as três últimas relatadas somente para o estado da Bahia (Lista da Flora do Brasil, 2016). Informações sobre biodiversidade são fundamentais para uma ampla gama de usos, além das atribuições científicas e educacionais, servindo como base para ações governamentais, como criação de áreas protegidas ou unidades de conservação e espécies ameaçadas de extinção são preponderantes na tomada de decisões visando conservação e manejo (Primack & Rodrigues, 2001; Werneck, 2011).

6. Conclusão

A estação ecológica Wenceslau Guimarães possui alta diversidade de espécies e altos índices de endemismo, o elevado número de espécies encontradas nesse estudo sugerem que novos estudos devem ser realizados a fim de compilar maior número possível de dados, estes fortalecem a importância da conservação dos remanescentes de Floresta Atlântica além de resultarem em novas descrições de espécies, novas ocorrências, índices de endemismo, que ajudam a entender como a floresta está estruturalmente, esses dados ressaltam a importância de levantamentos florístico em áreas remanescentes de Floresta Atlântica no estado da Bahia, assim como a importância que as áreas protegidas têm para a manutenção da biodiversidade desses locais e a necessidade de que as entidades públicas e particulares subsidiem projetos científicos para que novos estudos possam compilar dados que possibilitem subsidiar ações para a recuperação e conservação da flora local.

7. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, D. S. 2000. Recuperação Ambiental da Mata Atlântica; - Ilhéus: Editus, Pag. 13–32.

AMORIM, A.M., Jardim, J.G., Lopes, M.M.M., Fiaschi, P. Borges, R.A.X., Perdiz, R.O., Thomas, W.W. 2009. Angiospermas em remanescentes de floresta montana no sul da Bahia, Brasil. *Biota Neotrop.* 9(3): 313-348.

AMORIM, A.M.; Jardim, J.G.; Clifton, B.C.; Fiaschi, P.; Thomas, W.W. & Carvalho, A.M.V. 2005. The vascular plants of a forest fragment in southern Bahia, Brazil. *Sida, Contributions to Botany* 21(3): 1726-1752.

ANDRADE-LIMA, D. 1964. Contribuição à dinâmica da flora do Brasil. *Arquivos do ICT.* 2:14-19.

AONA, Lidyanne Yuriko Saleme *et al.* Aquatic and marsh plants from the Recôncavo basin of Bahia state, Brazil: checklist and life forms. *Check List*, [s.l.], v. 11, n. 6, p.1-10, 8 dez. 2015. *Check List Journal*. <http://dx.doi.org/10.15560/11.6.1806>

APG IV. 2016. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society*.

BAHIA. 2010. Relatório técnico: caracterização da Estação Ecológica Estadual Wenceslau Guimarães. Salvador: Governo do Estado da Bahia, Secretaria do Meio Ambiente

BARBOSA, M. R. V.; Sousa, E. B.; Jardim, J. G. 2006. Checklist das Plantas do Nordeste Brasileiro: Angiospermas e Gymnospermas Ministério da Ciência e Tecnologia. 135-140.

CAIAFA, A.N. & Martins, F.R. 2007. Taxonomic identification, sampling methods, and minimum size of the tree sampled: implications and perspectives for studies in the Brazilian Atlantic rainforest. *Functional Ecosystems and Communities* 1: 95-104.

CANHOS, V.P.; Souza, S.; Giovanni, R.D. & Canhos, D.A.L. 2004. Global biodiversity informatics: setting the scene for a "new world" of ecological modeling. *Biodiversity Informatics* 1: 1-13.

CARNAVAL, Ana Carolina; MORITZ, Craig. Historical climate modelling predicts patterns of current biodiversity in the Brazilian Atlantic forest. *Journal Of Biogeography*, [s.l.], v. 35, n. 7, p.1-15, jul. 2008. Wiley-Blackwell. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2699.2007.01870.x>

CENTRO NACIONAL DE CONSERVAÇÃO DA FLORA (CNCFlora) Disponível em: < <http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/listavermelha>> Acessado em 02 de Março de 2016.

CHRISTENHUSZ, Maarten J.m.; BYNG, James W.. The number of known plants species in the world and its annual increase. *Phytotaxa*, [s.l.], v. 261, n. 3, p.201-217, 20 maio 2016. Magnolia Press. <http://dx.doi.org/10.11646/phytotaxa.261.3.1>

COELHO, M.M. & Amorim, A.M. 2014. Floristic composition of the Montane Forest in the Almadina - Barro Preto axis, Southern Bahia, Brazil. *Biota Neotropica* 14: 1-41.

COSTA, Grênivel Mota da *et al.* Variações locais na riqueza florística em duas ecorregiões de caatinga. *Rodriguésia*, [s.l.], v. 66, n. 3, p.685-709, set. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-7860201566303>

EMBRAPA 1973, Disponível em:
<http://www.uep.cnps.embrapa.br/solos/index.php?link=ba>. Acesso: 02 de Março
de 2016.

FORZZA, R.C., Stehmann, J.R., Nadruz, M., Filardi, F.L.R., Costa, A., Carvalho Junior, A.A., Peixoto, A.L., Walter, B.M.T., Bicudo, C., Moura, C.W.N., Zappi, D., Costa, D.P., Lleras, E., Martinelli, G., Lima, H.C., Prado, J., Baumgratz, J.F.A., Pirani, J.R., Sylvestre, L.S., Maia, L.C., Lohmann, L.G., Queiroz, L.P., Alves, M.V.S., Silveira, M., Mamede, M.C.H., Bastos, M.N.C., Morim, M.P., Barbosa, M.R., Menezes, M., Hopkins, M., Evangelista, P.H.L., Goldenberg, R., Secco, R., Rodrigues, R.S., Cavalcanti, T. & Souza, V.C. 2016. Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (R.C. Forzza et al., eds.). <http://floradobrasil.jbrj.gov.br>. Acesso em: 28/06/2016.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. São Paulo, 2016. Disponível em:
<<http://www.sosma.org.br/nossa-causa/a-mata-atlantica/>>. Acesso em: 17 fev
2016.

GALINDO-LEAL, C. & Câmara, I.G. 2005. Status do hotspot Mata Atlântica: uma síntese. In: Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas. Fundação SOS Mata Atlântica, São Paulo. Pp. 3-9.

CARLOS GALINDO-LEAL, Ibsen de Gusmão Câmara (Ed.); traduzido por Edma Reis Lamas. – São Paulo : Fundação SOS Mata Atlântica — Belo Horizonte : Conservação Internacional, pp. 3-11. 2005.

GOLDENBERG, Renato et al. Angiosperms and the Linnean shortfall: three new species from three lineages of Melastomataceae at one spot at the Atlantic Forest. PeerJ, [s.l.], v. 4, p.1824-1833, 21 mar. 2016. PeerJ. <http://dx.doi.org/10.7717/peerj.1824>.

LEITÃO FILHO, H.F. Considerações sobre a florística de florestas tropicais e subtropicais do Brasil. IPEF, n.45, p.41-46, 1987

LIMA, R.A.F., SOUZA, V.C., DITTRICH, V. A. O. & SALINO, A. Composition,

diversity and geographical distribution of vascular plants of an Atlantic Rain Forest, Southeastern Brazil. *Biota Neotrop.* 12(1): <http://www.biotaneotropica.org.br/v12n1/en/abstract?inventory+bn01612012012>

LINO, C. F. Reserva da Biosfera da Mata Atlântica: plano da ação. Referências básicas. Campinas: Universidade de Campinas, 1992. v.1.101p.

MANUAL DE PROCEDIMENTOS, Herbário de Botu, Machado, S.R.; Barbosa, S.B. Disponível em: http://www.ibb.unesp.br/instituicao/herbario/documentos/Manual_Herbario_BOTU.pdf>Acesso em 29/04/2016.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Núcleo Mata Atlântica e Pampa. *Mata Atlântica: Patrimônio Nacional dos Brasileiros*. Organização de Maura Campanili e Wigold Bertoldo Schaffer. Brasília, DF, 2010.

MITTERMEIER RA, Robles Gil P, Mittermeier CG. 1997. Megadiversity. Mexico City (Mexico): CEMEX.

MITTERMEIER, R. A.; Fonseca, G. A. B.; Rylands, A. B. & Brandon, K. 2005. A brief history of biodiversity conservation in Brazil. *Conservation Biology* 19(3): 601-611.

MORELLATO, L.P.C. & HADDAD, C.F.B. 2000. Introduction: The Brazilian Atlantic Forest. *Biotropica* 32: 786-792.

MORI, S. A.; BOOM, B. M. & PRANCE, G. T. 1981. Distribution patterns and conservation of eastern Brazilian coastal forest tree species. *Brittonia* 33(2): 233-245.

MORI, S.A., Silva, L.A.M., Lisboa, G.; Coradin, L. 1989. Manual de manejo do herbário fanerogâmico. 2ª ed. Ilhéus, Centro de Pesquisas do Cacau.

MORO, M. F.; MARTINS F. R. Métodos de levantamento do componente arbóreo-arbustivo. In: FELFILI, J. M.; EISENLOHR, P. V.; MELO, M. M. R. F.; ANDRADE, L. A.; MEIRA-NETO, J. A. A. (Ed.). *Fitossociologia no Brasil: métodos e estudos de casos*. Viçosa, MG: Ed. da UFV, 2011. v. 1. p. 174-212

MORO, M.F.; Souza, V.C.; Oliveira-Filho, A.T.; Queiroz, L.P.; Fraga, C.N.; RODAL, M.J.N.; Araújo, F.S. & Martins, F.R. 2012. Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia? *Acta Botanica Brasilica*, 26: 991-999

MYERS, N.; Mittermeier, R. A.; Arantes, A.A., Prado, J., Ranaivosoa, M.A. 2008. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Rodriguésia* 59 (4): 845-858. [nybg.org/ ih/](http://nybg.org/ih/). Accessed in: 13 December 2015.

OLIVEIRA FILHO A.T. & FONTES, M.A.L. 2000. Patterns of floristic differentiation among Atlantic Forests in Southeastern Brazil and the influence of climate. *Biotropica* 32:793-810.

PRIMACK, Richard B.; RODRIGUES, Efraim. *Biologia da Conservação*. Londrina, Gráfica Editora Midiograf, 2001.

RIZZINI, C.T. 1963. A flora do cerrado. Análise florística das savannas centrais. *In* Simpósio sobre o cerrado (M.G. Ferri, org.). Edusp, São Paulo, p.126-177

ROCHA, D.S.B. & Amorim, A.M. 2012. Heterogeneidade altitudinal na Floresta Atlântica setentrional: um estudo de caso no Sul da Bahia, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 26(2):309-327

SOBRAL, Marcos et al. Thirteen new Myrtaceae from Bahia, Brazil. *Phytotaxa*, [s.l.], v. 224, n. 3, p.201-231, 2 set. 2015. Magnolia Press. <http://dx.doi.org/10.11646/phytotaxa.224.3.1>.

SOBRINHO, J.G.C. & QUEIROZ, L.P. 2005. Composição florística de um fragmento de Mata Atlântica na Serra da Jibóia, Santa Terezinha, Bahia, Brasil.

Sitientibus Série Ciências Biológicas 5:20-28.

SPECIESLINK. 2011. <http://smlink.cria.org.br/> [último acesso em 05/07/2016]

TABARELLI, M., Pinto, L.P., Silva J.M.C., Costa, C.M.R. 2005. Espécies ameaçadas e planejamento da conservação. Belo Horizonte. Fundação SOS Mata Atlântica / Conservação Internacional do Brasil.

THIERS, B. Index Herbariorum: A global directory of public herbaria and associated staff. New York Botanical Garden's VirtualHerbarium. <<http://sciweb.nybg.org/science2/IndxHerbariorum.asp> >

THOMAS, W. W., A. M. Carvalho, A. M. A. Amorim, J. Garrison & A. L. Arbeláez. 1998. Plant endemism in two forests in southern Bahia, Brazil. *Biodiversity and Conservation* 7: 311–322

THOMAS, W.W.; JARDIM, J.J.G.; FIASCHI, P.; NETO, E.M.; AMORIM, A.A. 2009. Composição florística e estrutura do componente arbóreo de uma área transicional de Floresta Atlântica no sul da Bahia, Brasil. *Rev. Bras. Bot.*, v. 32, n. 1, p. 65-78.

VELOSO, H.P.; Rangel, A.L.R.; Lima, J.C.A. 1991. Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal. Rio de Janeiro IBGE, Departamento de Recursos, Naturais e Estudos Ambientais. Pag. 63-73.

WERNECK, M.S.; Sobral, M.; Rocha, C.T.V. & Landau, E.C. 2011. Distribution and endemism of angiosperms in the Atlantic forest. *Natureza & Conservação* 9: 188-193.